PRECURSORES ESQUECIDOS

UM FRANCO-ATIRADOR "ROBUSTO": Joseph SANTO

"Joseph SANTO, de Colmar, antigo conselheiro municipal de Nancy". É sob este título que se apresentava um valente lutador no período de 1910-1940.

Um alsaciano abrupto, apaixonado por sua terra, ardente patriota, católico de combate, radical em suas convicções, exclusivo em suas escolhas, excessivo em suas polêmicas, duro com o adversário e nem sempre conciliador com seus companheiros de luta. Em suma, o oposto de um católico liberal. Um sujeito de trato difícil, uma espécie de *Grand Ferré* saído da epopeia medieval e sempre na brecha, pensando apenas em golpear o inimigo. A prudência e o senso de medida faziam-lhe muita falta, e isso lhe rendeu inúmeras humilhações.

Condenado em Nancy, em 1904, por ter "difamado" seus adversários nas eleições municipais, viu-se atingido por uma pesada multa que não pôde pagar, resultando no penhor de seu mobiliário e, por ricochete, na perda de seu sustento. Os patrões "bem-pensantes" recusavam-se a empregar um sujeito tão comprometedor. Os negócios acima de tudo!...

Outros teriam desistido de tudo: SANTO, longe de se abater, só pensou na revanche. Foi a origem de uma carreira bem preenchida.

Que se julgue:

145 volumes ou brochuras, numerosos panfletos e impressos diversos, mais de 2.000 conferências e contestações levadas a reuniões públicas de adversários.

Entre os livros de Joseph SANTO, citemos apenas alguns títulos:

Quarenta Anos de Loucura – As Duas Escolas – Armas e Munições para os Combates da Fé – Toques de Clarim e Tiros – A Obra Benfazeja da Igreja – A Religião, a Alma, o Além – Os Segredos do Castelo Vermelho – A Seita Maçônica – O Socialismo – A Falência da República – A Maravilhosa Epopeia Congregacionista – O Toque de Alarme sobre a Cidade... etc.

A maneira de compor esses livros não carecia de originalidade nem de pitoresco. Henry Coston, em seu livro "*A República do Grande Oriente*" (1), nos informa:

> "SANTO havia disposto sobre uma tábua, no cubículo onde amontoava suas coleções de revistas e jornais, vários penicos de louça, que naturalmente nunca haviam tido outro uso. Sobre cada pote, ele havia colocado uma grande etiqueta ostentando, em letras garrafais — pois era míope —, uma inscrição: 'Democratas-cristãos', 'Escola leiga', 'Boatos históricos', 'Maçons'... Esses eram os seus dossiês. Cada manhã, ele lia a imprensa, marcava e depois recortava os artigos e as informações que lhe interessavam e, finalmente, colocava os recortes nos potes correspondentes. Quando um pote estava cheio, ele fazia uma brochura. Havia de tudo, portanto, nos folhetos e nos livros que publicava. Mas, se o leitor demonstrasse um pouco de paciência, acontecia-lhe de encontrar citações do mais alto interesse, esquecidas há muito tempo e cujo lembrete nem sempre agradava aos 'cata-ventos' políticos, já muito numerosos sob a IIIª República. Conhecido por todos os seus confrades católicos e monarquistas, recebia uma enorme quantidade de jornais, preciosa fonte de abastecimento para seus 'dossiês-penicos', e beneficiava-se em suas colunas de uma publicidade gratuita e eficaz que lhe permitia difundir facilmente sua produção nos meios nacionais de Paris e, sobretudo, da província."

Era um trabalho obscuro, de alcance muito limitado, que nenhum editor estabelecido teria aceitado. Haveria muito a dizer sobre essas compilações repletas de citações de valor muito desigual. Os comentários são, com frequência, tendenciosos ou errados, e o senso crítico é limitado. O autor engloba geralmente, sob uma mesma reprovação, textos perfeitamente ortodoxos — se quisermos recolocá-los em seu contexto — e afirmações insustentáveis. Mas, enfim, há interesse em percorrer as coleções de SANTO. Quantos fatos significativos e nomes esquecidos! Revive-se, no plano das lutas religiosas, a primeira parte do nosso século. E pesca-se, aqui ou acolá, uma citação sempre atual.

Conhece-se menos a ação do conferencista. Encontrei, apenas para o ano de 1910, os rastros de sua passagem por diversas localidades: em Frémainville (Val d'Oise), onde se opõe a um alto dignitário maçônico, o Irmão Lefèvre; em Thorigny (Seine-et-Marne), onde o modesto operário tipógrafo refuta com sucesso os erros do manual de história do professor Devinat; em St Rémy-sur-Avre (Eure-et-Loir), onde veio contestar o padre apóstata Charbonnel. Encontramo-lo também em Lattre-Saint-Quentin (Pas de Calais). Desta vez, ele está sozinho contra uma horda uivante de 200 fanáticos que tentam espancá-lo. (Eis o que dá uma ideia do "clima" das controvérsias religiosas da época!). O arcepreste de Vitry-le-François chama SANTO quando um conferencista indesejável é anunciado em sua paróquia, e Dom Dubois, então arcebispo de Bourges, faz questão de opô-lo a todos os "caixeiros-viajantes" da irreligião quando eles desembarcam em sua diocese.

SANTO não é um orador acadêmico de períodos equilibrados e efeitos estudados. Sua eloquência direta, popular e inflamada é cheia de verve, de expressões imagéticas e truculentas, com achados imprevistos e palavras contundentes. Se o auditório é hostil, ele o surpreende primeiro e depois avança... O contato está estabelecido.

Joseph SANTO morreu em 1944, tendo lutado até o limite de suas forças, muitas vezes em condições materiais muito precárias. Numa nota pacificada, ao entardecer de sua vida, declarava:

>

> "*Se estas páginas puderam ofender algum de meus leitores e, sobretudo, de meus amigos, ficarei sinceramente aflito; mas minha razão de ser é dizer sempre, contra tudo e contra todos, toda a verdade, nada além da verdade. Calá-la ou diminuí-la por medo de desagradar a certos custar-me-ia ainda mais do que esse próprio desagrado. Apelo à sua consciência mais profunda para perguntar-lhes se esta preferência não é um título a mais para sua estima e até para sua amizade. Em todo caso, pergunto-lhes, com toda a quietude de espírito, se existe um motivo de orgulho comparável à inabalável resolução de enfrentar as piores humilhações, o mais iníquo ostracismo para denunciar todas as mentiras e todos os escândalos que fazem o jogo do eterno inimigo das almas, da Igreja e da França*".

Um linguajar viril, em verdade, que quase não se ouve mais hoje na boca daqueles a quem incumbe o dever de falar...

F. M. d'A.

---

(1) Recomendo esta obra muito documentada e, especialmente, o capítulo intitulado: "*Antimaçons d'hier et d'avant-hier*" *(Difusión de la Pensée française - Chiré-en-Montreuil - 86190 Vouillé)*.

Revision #2
Created 9 January 2026 16:38:39 by Admin
Updated 9 January 2026 16:47:47 by Admin